

UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO SEMI-ÁRIDO
PRÓ-REITORIA DE GRADUAÇÃO
CENTRO MULTIDISCIPLINAR DE CARAÚBAS
DEPARTAMENTO DE LINGUAGENS CIÊNCIAS HUMANAS
CURSO DE LETRAS INGLÊS
TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO (2025)

**MODELOS DE MASCULINIDADE EM *O MORRO DOS VENTOS UIVANTES*,
DE EMILY BRONTË: A CONTRAPOSIÇÃO ENTRE EDGAR LINTON E
HEATHCLIFF NA RELAÇÃO COM CATHERINE EARNSHAW¹**

MASCULINITY MODELS IN *WUTHERING HEIGHTS*, BY EMILY BRONTË: THE
CONTRAST BETWEEN EDGAR LINTON AND HEATHCLIFF IN THEIR
RELATIONSHIP WITH CATHERINE EARNSHAW

Sara Naiara Alves Bezerra²

Cosmo Jadson Alves Leite³

RESUMO: Este trabalho analisa os modelos de masculinidade presentes no romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, por meio da contraposição entre os personagens Edgar Linton e Heathcliff, e como essas masculinidades impactam a relação com Catherine Earnshaw. O trabalho parte do pressuposto de que a masculinidade pode ser compreendida como uma construção social influenciada por fatores como classe, origem, afeto e poder e expectativa de gênero, principalmente no contexto da época vitoriana. A partir de uma abordagem qualitativa, com base em análises interpretativas da obra e em referenciais teóricos de autores como Judith Butler (1990), Raewyn Connell (2013) e Gilbert e Gubar (1979), o estudo mostra como Edgar representa uma masculinidade refinada e é socialmente privilegiado, enquanto Heathcliff representa uma virilidade baseada na força e marginalização social. A personagem de Catherine surge como elemento central de desequilíbrio, influenciada por esses dois modelos de masculinidade e pela pressão social da época. Portanto, o romance de Brontë, além de representar os ideais vitorianos, também questiona e faz uma crítica os limites e as consequências aos padrões de masculinidade.

Palavras-chave: Masculinidade; papéis de gênero; Literatura Vitoriana; Emily Brontë; O morro dos ventos uivantes.

ABSTRACT: This study analyzes the models of masculinity present in the novel *Wuthering Heights* by Emily Brontë, through the contrast between the characters Edgar Linton and Heathcliff, and how these masculinities impact the relationship with Catherine Earnshaw. The study is based on the

¹Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) apresentado ao curso de Letras/Inglês, da Universidade Federal Rural do Semiárido (UFERSA), campus Caraúbas, como requisito total para obtenção do título de licenciado em Letras/Inglês em 2025.1.

²Discente do curso de Letras com habilitação em Língua Inglesa. E-mail: sara.bezerra54320@alunos.ufersa.edu.br.

³Professor orientador. E-mail: cosmoleite@ufersa.edu.br.

premise that masculinity can be understood as a social construct influenced by factors such as class, origin, affection, power, and gender expectations, especially within the context of the Victorian era. Using a qualitative approach, based on interpretative analyses of the novel and theoretical frameworks by authors such as Judith Butler (1990), Raewyn Connell (2013), and Gilbert and Gubar (1979), the study shows how Edgar represents a refined and socially privileged masculinity, while Heathcliff embodies a virility rooted in strength and social marginalization. Catherine appears as a central figure of imbalance, shaped by these two models of masculinity and the social pressures of her time. Therefore, Brontë's novel not only portrays Victorian ideals but also questions and critiques the limits and consequences of these masculine norms.

Keywords: Masculinity; Gender Roles; Victorian Literature; Emily Brontë; *Wuthering Heights*.

1 INTRODUÇÃO

A literatura do século XIX desempenha um papel fundamental na representação dos papéis sociais e dos valores culturais da época. Na sociedade vitoriana, as expectativas em relação à masculinidade eram marcadas por ideais como racionalidade e controle emocional. No entanto, a literatura desse período frequentemente explorava diferentes formas de masculinidade, contrastando modelos aristocráticos, ligados à civilidade e refinamento, com figuras mais intensas e desafiadoras.

Tais representações ajudavam a construir e questionar os padrões da época, ao mesmo tempo em que refletiam os conflitos sociais vividos por seus personagens. “Essa dualidade espelhava os conflitos sociais e emocionais, ao mesmo tempo em que oferecia um espaço reflexivo sobre as tensões entre indivíduo e sociedade”. Como observou o crítico literário Jonathan Dollimore, “A literatura é um campo onde os limites da identidade são experimentados e renegociados, especialmente nas construções de gênero” (Dollimore, 1991, p. 45). Sob esse viés, a análise das masculinidades literárias no século XIX oferece uma importante lente para compreender as transformações sociais e culturais daquele período.

Essas representações literárias de masculinidades funcionavam não apenas como reflexo da sociedade, mas também como crítica e reconfiguração simbólica dos ideais normativos da época. Ao dar forma a personagens que ora reforçavam, ora subvertiam os modelos dominantes de virilidade, os autores do século XIX colocavam em evidência as tensões entre o sujeito individual e os papéis sociais impostos.

Nesse contexto, a masculinidade deixa de ser um traço natural ou universal do homem e passa a ser entendida como uma construção histórica, situada e, muitas vezes, contraditória. Ao revelar os conflitos internos de figuras masculinas – entre desejo e repressão; entre sensibilidade e rigidez –, a literatura vitoriana abriu espaço para uma reflexão mais complexa sobre os efeitos das normas de gênero sobre os próprios homens. É nesse panorama que obras

como *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë⁴, destacam-se por representar formas contrastantes de masculinidade por meio de seus personagens principais.

No romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, publicado em 1847, de Emily Brontë, a construção da masculinidade se manifesta por meio da relação conflituosa entre os personagens masculinos principais, cujas diferentes abordagens à vida e ao amor geram tensões centrais na trama. Edgar Linton, com seu temperamento contido e raízes aristocráticas, e Heathcliff, originado de um contexto humilde e marcado por seu temperamento obstinado, exemplificam dois polos de masculinidade que se entrelaçam com as escolhas e destinos de Catherine Earnshaw.

A figura de Catherine sintetiza essa oposição ao afirmar: “a alma de Heathcliff e a minha são iguais, e a do Linton é tão diferente quanto um raio de lua é diferente de um relâmpago – ou a geada do fogo” (Brontë, 2001, p. 101). Essa metáfora revela a intensidade da conexão com Heathcliff em oposição à frieza atribuída a Edgar, sugerindo que os contrastes entre os dois homens transcendem o comportamento e alcançam o nível simbólico. Essas diferenças são fundamentais não apenas para os conflitos pessoais dos personagens, mas também para o impacto que as relações de poder e identidade exercem sobre todos os envolvidos. Diante desse contexto, esta pesquisa investiga como essa oposição entre Edgar e Heathcliff reflete diferentes modelos de masculinidade e impacta as relações interpessoais na obra. A problemática central se apresenta na seguinte questão: De que forma a dualidade entre esses personagens molda as dinâmicas de poder e os conflitos interpessoais no romance?

A partir disso, o objetivo geral do artigo é analisar as representações da masculinidade na construção dos personagens Edgar Linton e Heathcliff em *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, observando como os modelos masculinos que representam influenciam as dinâmicas de poder e afeto, especialmente na relação triangular com Catherine Earnshaw. Diante disso, os objetivos específicos são: a) Compreender como a escrita feminina em *O Morro dos Ventos Uivantes*, de Emily Brontë, constrói representações do masculino por meio dos personagens Edgar Linton e Heathcliff; b) Descrever como os modelos de masculinidade de Edgar Linton e Heathcliff se contrapõem, especialmente no que se refere a suas visões de amor e sociedade, incluindo o papel de Catherine Earnshaw como mediadora e elemento de tensão entre esses dois polos; e c) discutir os aspectos de construção e subversão que se destacam principalmente nos personagens masculinos da obra.

⁴Emily Brontë (1818-1848) foi uma escritora inglesa do período vitoriano, conhecida por sua única obra publicada, *O Morro dos Ventos Uivantes* (1847), lançada sob o pseudônimo masculino "Ellis Bell". A autora é reconhecida por seu estilo intenso, poético e pela crítica às convenções sociais de sua época.

A hipótese do estudo é que Emily Brontë utiliza Edgar e Heathcliff como representações contrastantes de masculinidade não apenas para refletir os valores da sociedade vitoriana, mas também desafiar seus padrões. Edgar, com sua origem aristocrática, simboliza um ideal masculino ligado à contenção emocional e à fragilidade, enquanto Heathcliff, como um forasteiro sem status social definido, encarna uma masculinidade transgressora, associada ao instinto e à violência. A oposição entre esses modelos masculinos não apenas estrutura o enredo, mas também ressalta as tensões sociais e afetivas da época. Além disso, a maneira como Catherine Earnshaw se posiciona entre essas duas figuras sugere uma crítica à rigidez das normas sociais e às limitações impostas às relações humanas.

A análise utiliza um viés comparativo para interpretar e examinar as características, comportamentos e impactos dos personagens masculinos na trama. Dessa forma, o estudo busca contribuir para a compreensão das representações da masculinidade na literatura e seu impacto nas relações interpessoais, além de refletir sobre como essas representações reforçam ou questionam estereótipos masculinos.

Posto isso, a pesquisa se justifica pela importância da análise de gênero na literatura, especialmente em *O Morro dos Ventos Uivantes*, que apresenta personagens que desafiam os padrões sociais da época. A oposição entre Edgar e Heathcliff mostra como diferentes modelos de masculinidade influenciam a trama e as relações entre os personagens, tornando essa questão relevante para a compreensão da obra. Além disso, discutir as construções de masculinidade na literatura permite uma reflexão mais ampla sobre identidade e poder, temas que continuam sendo debatidos na sociedade. A forma como Brontë desenvolve essas representações ajuda a entender como os ideais de masculinidade podem questionar estereótipos.

2 METODOLOGIA

A metodologia desta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, com foco em uma análise descritiva e interpretativa do *corpus* social, que é o romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, publicado em 1847 por Emily Brontë. Para a análise, utiliza-se a edição da coleção Clássicos Zahar (2001), com tradução de Adriana Lisboa, 392 páginas, publicada pela editora Zahar.

A obra narra a história da tumultuada relação entre Heathcliff e Catherine Earnshaw, marcada por amor obsessivo, conflitos familiares e tensões sociais. Ambientada nas charnecas de Yorkshire, a narrativa explora temas como paixão, vingança, classe social e repressão

emocional, revelando personagens complexos e psicologicamente densos. Considerada um marco da literatura inglesa, o romance rompe com convenções da época ao apresentar figuras femininas e masculinas que desafiam os papéis tradicionais de gênero. Como destaca Candido (2006), a análise literária não se limita a aspectos formais do texto, mas busca compreender as relações entre literatura e sociedade, explorando os valores, tensões e conflitos que os textos expressam ou silenciam. Nesse sentido, esta pesquisa adota uma abordagem qualitativa, concentrando-se na interpretação dos sentidos sociais e simbólicos que emergem da narrativa.

Assim sendo, essa abordagem permite uma análise aprofundada dos fenômenos sociais, explorando as relações e os processos que não podem ser reduzidos a números ou medidas exatas. Como exposto anteriormente. O objetivo principal desta pesquisa é examinar de que maneira as representações de masculinidade nos personagens Edgar Linton e Heathcliff, em *O Morro dos Ventos Uivantes*, estruturam relações de poder, afeto e conflito, considerando o papel central de Catherine Earnshaw como mediadora, catalisadora e afetada por esses modelos masculinos. Para isso, o processo foi desenvolvido em algumas etapas:

Inicialmente, foi realizada uma leitura minuciosa da tradução brasileira do romance *O Morro dos Ventos Uivantes*, dedicando atenção especial às características, comportamentos e discursos dos personagens masculinos. Essa análise buscou identificar padrões que revelassem construções de masculinidade dentro do contexto social e histórico da narrativa, considerando não apenas a forma como os personagens expressam sua masculinidade, mas também como são percebidos uns pelos outros e pelo próprio enredo.

Em seguida, foram analisadas as atitudes de Edgar Linton e Heathcliff ao longo da narrativa, com base em uma leitura crítica e interpretativa da obra, centrada na observação de trechos-chave, diálogos, comportamentos e nas relações que os personagens estabelecem entre si, especialmente com Catherine Earnshaw buscando categorizar suas características masculinas com base em aspectos como a forma de expressar emoções, a maneira como lidam com vulnerabilidade e agressividade, além das interações que estabelecem com outros personagens.

Logo após, foram selecionados trechos do livro e organizados de acordo com os aspectos da masculinidade identificados, como expressão emocional, poder, vulnerabilidade, agressividade e empatia. Cada trecho foi analisado individualmente, considerando seu significado no contexto da obra e seu alinhamento ou oposição às normas sociais da época.

Diante dessa interpretação, foi realizada uma comparação direta entre Edgar Linton e Heathcliff, destacando suas diferenças e semelhanças no que diz respeito às representações da masculinidade. Os resultados dessa comparação foram contextualizados à luz do corpus social

da época vitoriana, buscando compreender como as masculinidades representadas na obra se projetam na relação com Catherine Earnshaw, personagem central que evidencia as tensões entre poder, afeto e gênero.

Os fragmentos escolhidos foram interpretados através dos estudos na literatura, de modo a compreender como esses personagens desafiam os padrões da época. Além disso, a pesquisa foi embasada em uma revisão de trabalhos teóricos, que permitiu a consulta de estudos acadêmicos que discutem tanto a obra de Brontë quanto as construções de masculinidade na literatura vitoriana. Esse embasamento teórico permitiu estabelecer uma comparação entre o romance e as reflexões contemporâneas sobre o tema, ampliando a compreensão das dinâmicas de poder e dos conflitos na narrativa.

Por fim, foram elaboradas reflexões com base na articulação entre a análise dos personagens e os referenciais teóricos adotados, especialmente as contribuições de Judith Butler, Raewyn Connell e Nancy Armstrong. A pesquisa buscou demonstrar como as construções de Edgar e Heathcliff desafiam ou, em alguns momentos, reforçam os ideais de masculinidade, contribuindo para uma compreensão mais ampla das dinâmicas de gênero presentes na obra.

3 REFERENCIAL TEÓRICO

Esta seção propõe uma articulação entre a tradição literária feminina do período vitoriano e os estudos contemporâneos sobre gênero e masculinidade, a fim de fundamentar teoricamente a análise dos personagens masculinos Edgar Linton e Heathcliff em *O Morro dos Ventos Uivantes*. Para isso, parte-se da figura de Emily Brontë como representante de uma escrita literária que, ainda no século XIX, já operava críticas aos papéis de gênero estabelecidos.

Em seguida, são discutidos os principais modelos de masculinidade e virilidade que marcaram o imaginário vitoriano, com base nas contribuições de teóricos como Judith Butler (1990) que entende o gênero como uma construção social performativa, que não é fixa, mas constantemente reproduzida. Raewyn Connell (2013) introduz o conceito de masculinidade hegemônica, destacando o modelo dominante que legitima a dominação masculina e relaciona gênero a questões de classe social. Essas teorias ajudam a compreender as tensões entre identidade, classe, gênero e representação no romance analisado, fundamentando a análise dos personagens.

3.1 Emily Brontë e a Tradição Literária Feminina

A Literatura Vitoriana corresponde ao período do reinado da rainha Vitória do Reino Unido (1837-1901) e foi marcada por profundas transformações sociais e econômicas da época. Segundo Eagleton (2005), esse período refletiu-se nas produções literárias que expressavam as tensões e contradições da sociedade vitoriana. Na Literatura Vitoriana, havia uma forte divisão entre o que se esperava que fosse escrito por homens e por mulheres. Além das restrições sociais que limitavam seu acesso à educação e à vida pública, também havia uma forte expectativa de que escrevessem dentro de padrões moralistas e sentimentais, reforçando a ideia da mulher como um ser delicado, submisso e dedicado ao lar (Gilbert; Gubar, 1979).

A visão tradicional vitoriana atribuía ao homem um papel ativo, progressivo e defensivo na sociedade, caracterizando-o como criador, descobridor e protetor. Por outro lado, o poder da mulher era associado ao cuidado do lar, às ordens, aos arranjos e às decisões domésticas. Essa perspectiva naturalizava a desigualdade de gênero, limitando as possibilidades de atuação feminina fora do ambiente doméstico. Essas concepções rígidas ultrapassaram a vida social e se refletiram diretamente na literatura da época, fazendo com que muitas autoras vitorianas tivessem que adaptar suas obras para que fossem aceitas e lidas pelo público (Gilbert; Gubar, 1979).

Durante a Era Vitoriana, as mulheres escritoras enfrentavam uma série de barreiras sociais, culturais e literárias que limitavam sua participação e reconhecimento no campo da autoria. A sociedade da época impunha rígidos papéis de gênero, nos quais às mulheres cabia o espaço doméstico e a submissão às normas masculinas. A crítica literária frequentemente tratava a escrita feminina com desconfiança e condescendência, criando um ambiente hostil para as autoras que ousavam romper com os padrões tradicionais (Showalter, 1977). Para contornar essas dificuldades, muitas escritoras adotaram pseudônimos masculinos, como foi o caso das irmãs Brontë — Emily, Charlotte e Anne — que publicaram sob os nomes Ellis Bell e Currer Bell. Essa prática, segundo Gilbert e Gubar (1979), funcionava como uma “máscara necessária” que lhes permitia exercer maior liberdade criativa, escrever com ousadia e desafiar as convenções sociais e literárias que tentavam silenciá-las.

A escolha de pseudônimos masculinos não apenas protegia as autoras do preconceito, mas também evitava que suas obras fossem imediatamente rotuladas como “literatura feminina”, categoria que, na época, carregava conotações negativas e limitava a circulação e a credibilidade dos textos. Emily Brontë, por exemplo, publicou *O Morro dos Ventos Uivantes*

sob o nome Ellis Bell, estratégia que refletia as restrições culturais e sociais impostas às mulheres escritoras e que permitia que seu trabalho fosse avaliado sem os preconceitos ligados ao gênero. Além disso, as personagens femininas de suas obras frequentemente desafiavam os modelos vitorianos de feminilidade. A protagonista Catherine Earnshaw, analisada por Passos e Azevedo (2015), destaca-se por sua personalidade forte, impulsiva e transgressora, rompendo com a imagem da mulher dócil e submissa que predominava na época. Catherine representa uma voz rebelde que confronta as limitações do espaço doméstico e as expectativas sociais, simbolizando a luta por autonomia e reconhecimento em uma sociedade patriarcal.

Passos e Azevedo (2015) destacam que, assim como a personagem Catherine Earnshaw, Emily Brontë desafiou as normas da época, tornando-se uma figura subversiva e destacando-se em uma tradição literária dominada por homens. Em um prefácio posterior à reedição de *O Morro dos Ventos Uivantes*, Charlotte explicou que sua irmã Emily não possuía nenhuma intenção de agradar leitores ou seguir convenções sociais, o que reforça a ideia de que a escolha do pseudônimo foi uma forma de proteção contra os julgamentos da sociedade vitoriana.

Inicialmente, a obra teve um grande impacto negativo e foi alvo de muitas críticas por ser considerada sombria, intensa e moralmente questionável — características que chocaram o público da época. Essas reações se deram principalmente pelo conteúdo transgressor do romance, já que, no momento da publicação, a identidade de Emily Brontë ainda era ocultada pelo pseudônimo masculino *Ellis Bell*. Entretanto, com o tempo, o romance começou a ser avaliado como um dos grandes clássicos da literatura inglesa e teve seu reconhecimento após a morte de Emily Brontë (1818-1848), que faleceu apenas um ano após a publicação. Hoje, Emily Brontë é considerada como uma das escritoras mais importantes do século XIX, e sua decisão de escrever sob um pseudônimo é entendida como um reflexo das barreiras impostas às mulheres na literatura vitoriana.

3.2 Os Modelos de masculinidade e virilidade: questões de gênero no contexto histórico-literário

A masculinidade, ao longo da história, tem sido construída por normas rígidas que associam o homem à força, autossuficiência e racionalidade, características atribuídas como essenciais para o sucesso social e econômico. O ideal de virilidade vitoriana era baseado na

ideia de controle emocional, força física e domínio sobre o ambiente familiar e social. Este modelo se estendia a diversas esferas da vida social, desde a política até o comportamento dentro do núcleo familiar. Entretanto, esse ideal de masculinidade também colocava severas limitações, exigindo dos homens uma adesão rigorosa à razão, ao trabalho árduo e ao autocontrole, o que frequentemente os afastava de expressões mais espontâneas ou emocionais, consideradas fracas ou femininas (Connell; Messerschmidt, 2013).

Sob essa ótica, segundo Connell e Messerschmidt (2013), o modelo de masculinidade, portanto, não só definiu o comportamento esperado dos homens, mas também excluiu qualquer manifestação de vulnerabilidade ou expressões emocionais que não se alinhassem com o estereótipo de um homem racional e forte. Outro ponto relevante foi a pressão gerada para se conformar a esses padrões de virilidade que gerou dificuldade para aqueles que não se encaixavam nesse ideal, revelando as limitações que, ao mesmo tempo que reforçava o poder masculino, também colocava uma carga emocional sobre os homens, que eram constantemente desafiados a manter o autocontrole emocional e proibidos de demonstrar fraqueza, como parte das exigências impostas pela masculinidade hegemônica da época.

Segundo Butler (1990, p. 25), “não há uma identidade de gênero por trás das expressões de gênero; essa identidade é constituída performativamente pelas próprias expressões que são consideradas seus resultados”. Ou seja, a autora acredita que a identidade de gênero não é algo que nasce em si, mas algo que é construído ao longo do tempo por uma série de ações e comportamentos que são repetidos. Dessa forma, entende-se que a masculinidade é mantida por padrões que são cobrados socialmente e pela maneira como os homens são inseridos no meio social, sendo influenciados por fatores diversos, como classe econômica, pertencimento e até o grupo social em que vive.

Desde a infância, os meninos são influenciados a reprimir suas emoções e não mostrar sentimentos; são ensinados a adotarem uma postura de força, mostrarem autoridade, entre outros comportamentos que os tornam masculinos. Nesse viés, como afirma Butler (2003), a masculinidade não é uma essência anterior às práticas sociais, mas sim um resultado dessas práticas. Essas normas produzem e reforçam a ideia do que é ser “masculino” ou “feminino” em determinado contexto histórico e cultural, tornando-as visíveis socialmente. Portanto, essa teoria de Butler oferece uma base para compreender como tais comportamentos não eram reflexos de uma essência masculina, mas o resultado de práticas sociais que impunham padrões específicos de conduta e identidade, muitas vezes excludentes e responsáveis por marginalizar sujeitos que não se adequavam às normas sociais vigentes. Por fim, essa perspectiva oferece uma base sólida para compreender que os comportamentos associados ao

“ser homem” não são universais ou imutáveis, mas sim moldados por expectativas sociais que reforçam desigualdades e limitam a expressão individual.

Ainda sob a perspectiva de Butler (1990, p. 24), “a matriz cultural por meio da qual a identidade de gênero se torna inteligível exige que certos tipos de ‘identidades’ não possam existir – isto é, aquelas em que o gênero não deriva do sexo e a sexualidade não deriva do gênero”. A partir disso, entende-se que existe um padrão coerente entre gênero, sexo e desejo; quando esse padrão é rompido, como no caso de homens não heterossexuais, homens sensíveis ou que não se identifiquem com os comportamentos tradicionais da virilidade, essas identidades tornam-se incoerentes, isto é, são vistas como anormais. Sob esse viés, essas exclusões revelam que a masculinidade hegemônica não define apenas o que é ser homem, mas como ser e quem pode ser reconhecido dentro dos modelos culturais aceitos na sociedade.

Ademais, outra teoria que também contribui significativamente para a compreensão da masculinidade vitoriana foi a de Connell (2020) ao propor que essa forma de masculinidade não é uma identidade fixa, mas sim uma posição relacional dentro de um sistema hierárquico de gênero. Sob essa perspectiva, a masculinidade hegemônica, nesse contexto, era aquela que ocupava o lugar de maior prestígio social e poder simbólico, estabelecendo padrões de comportamento esperados dos homens, como autocontrole, racionalidade e força física. Connell e Messerschmidt (2013, p. 77) afirmam que “a masculinidade hegemônica não é um tipo de caráter fixo, sempre e em todos os lugares o mesmo. Ela é, antes, a masculinidade que ocupa a posição hegemônica em um dado padrão de relações de gênero – uma posição sempre passível de contestação”.

A partir disso, o autor afirma que há outros tipos de masculinidade. Entre elas, a cúmplice, que diz respeito a homens que não necessariamente têm todos os traços da hegemonia, mas que se beneficiam desse sistema; a subordinada, que se associa a homens que possuem traços considerados femininos e opostos da heterossexualidade, sendo oprimidos e excluídos; e a marginalizada, que diz respeito a homens que são impedidos do acesso à hegemonia por fatores, tais como: classe social, raça ou deficiência, mesmo possuindo traços viris. Essas categorias mostram que a masculinidade é diversa e historicamente situada, porém, ressignificada pelas relações sociais (Connell; Messerschmidt, 2013).

Sob essa ótica, é possível afirmar que a classe social influencia diretamente na construção da masculinidade, especialmente na Inglaterra vitoriana. Homens da elite, como Edgar Linton, incorporam características associadas ao autocontrole, à autoridade e ao refinamento social, enquanto personagens como Heathcliff, oriundos de classes sociais mais

baixas, expressam uma masculinidade ligada ao trabalho braçal, à resistência e à luta pela sobrevivência econômica. Essa distinção evidencia que o acesso à hegemonia masculina não dependia apenas do comportamento individual, mas também da posição social ocupada. No romance, essa dualidade entre Edgar e Heathcliff representa não só diferentes formas de ser homem, mas também as tensões sociais e de poder que permeiam as relações entre classe e gênero na narrativa.

Portanto, homens de classes populares, ainda que adotassem comportamentos viris, não seriam reconhecidos da mesma maneira, pois não possuíam o capital econômico exigido. Assim, a literatura vitoriana explorava frequentemente isso em suas obras, criando personagens que representavam esse contraste, de forma que a masculinidade não fosse representada apenas pelo comportamento hegemônico, mas também pelas desigualdades de classe, como é o possível observar a partir de *O morro dos Ventos Uivantes* entre Edgar Linton e Heathcliff.

Na literatura vitoriana, o modelo do “homem forte” baseado no autocontrole e na autoridade dominava as expectativas sociais sobre masculinidade, mas também foi alvo de críticas e questionamentos. Em *O Morro dos Ventos Uivantes*, essa tensão se manifesta nos personagens de Edgar Linton e Heathcliff, que representam diferentes formas de masculinidade e suas contradições. Edgar incorpora a masculinidade idealizada da elite, marcada pelo refinamento e autocontrole, enquanto Heathcliff expressa uma virilidade ligada à força, paixão e resistência às imposições sociais. A obra utiliza esses personagens para explorar e desafiar as normas rígidas da masculinidade vitoriana, revelando seus conflitos internos e as tensões entre classe, poder e identidade.

Nesse sentido, os romances vitorianos criavam personagens masculinos que, mesmo se alinhando a esses ideais, apresentavam aspectos contraditórios ou problemáticos que revelavam as tensões internas provocadas por essas pressões sociais. A partir disso, a literatura não apenas perpetuava o modelo de virilidade dominante, mas também o criticava, mostrando as falhas e limitações impostas pelo próprio sistema social.

Entretanto, após uma transformação, ele se torna um homem empático e desenvolve conexões afetivas, que é uma crítica à repressão emocional imposta aos homens da época. Diante disso, a masculinidade vitoriana é uma construção profundamente ligada a valores morais e sociais que reforçam o controle e a racionalidade.

No entanto, ao analisar personagens literários como Heathcliff e Edgar Linton, bem como a crítica das autoras vitorianas, percebe-se que a literatura também serviu como um espaço para questionar essas normas e explorar as contradições e falhas dos modelos de

masculinidade da época. Esses personagens nos permitem refletir sobre as tensões entre as expectativas sociais e as realidades emocionais dos indivíduos, oferecendo uma visão crítica sobre as construções de gênero no contexto histórico-literário.

4 EDGAR LINTON E HEATHCLIFF: UMA ANÁLISE DOS MODELOS DE MASCULINIDADE DOS PERSONAGENS E COMO ELES INFLUENCIAM NA RELAÇÃO COM CATHERINE EARNSHAW

A partir das discussões teóricas anteriormente apresentadas sobre os modelos de masculinidade no contexto da literatura do século XIX, passamos, a partir desse ponto, à análise dos personagens Edgar Linton e Heathcliff na obra *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë. O objetivo da seção, então, é compreender como cada um representa diferentes expressões de masculinidade.

4.1 Edgar Linton e Heathcliff: analisando os modelos de masculinidade dos dois personagens

Até esse ponto, tem-se feito considerações acerca da masculinidade em diversos contextos em que ela pode ser explorada, a fim justamente de entender como Edgar Linton e Heathcliff, dois dos principais modelos de masculinidade de *O morro dos ventos uivantes*, de Emily Brontë, performam suas masculinidades, e a partir de qual contexto ela surgiu. De acordo com a autora Connell (2020), a masculinidade é um processo social que se forma em contextos específicos e, muitas vezes, é marcada por estratégias de defesa.

Diante disso, o trecho em destaque se encontra no início do romance, quando Heathcliff ainda é uma criança e justifica o comportamento futuro de masculinidade do personagem. Ele se torna um homem frio e agressivo e isso é uma resposta à violência e rejeição que sofreu desde cedo, como é possível de se identificar:

Heathcliff parecia uma criança taciturna e paciente, endurecida, talvez, pelos maus-tratos: tolerava as bofetadas de Hindley sem pestanejar ou derramar uma lágrima, e meus beliscões só o faziam respirar fundo e abrir os olhos, como se tivesse se machucado por acaso e ninguém fosse culpado (Brontë, 2001, p. 59).

Ante o exposto, o comportamento e as atitudes de Heathcliff são justificadas pelo sentimento de inferioridade que o perseguiu desde a infância, principalmente pelo seu irmão adotivo Hindley, que sempre o diminuía e o fazia se sentir humilhado diante da sua situação, desenvolvendo nele uma masculinidade moldada pela dor, e não apenas pelo desejo de poder.

Ao tolerar ser maltratado sem pestanejar, Heathcliff manifesta um comportamento estoico, ou seja, uma masculinidade que aprende a resistir a dor sem se permitir vulnerabilidade. O personagem desde criança já demonstra traços de uma pessoa endurecida, isso acontece devido à sua incapacidade de reagir com emoção e revela não apenas a internalização do sofrimento, mas também os primeiros sinais de um comportamento que, na fase adulta, possivelmente se transforma em agressividade em resposta a tais vivências.

Como apontam Passos e Azevedo (2015), em contextos de exclusão social e afetiva, os homens tendem a construir uma masculinidade baseada na negação da dor e no distanciamento emocional. Heathcliff, privado de afeto e pertencimento, desenvolve uma identidade masculina marcada pela dureza e pela negação da vulnerabilidade, o que mais tarde se traduz em violência e obsessão. A forma como “respira fundo” diante do sofrimento mostra um aprendizado de autonegação que se tornará central em sua personalidade adulta. Dessa forma, a masculinidade de Heathcliff surge como fruto da opressão social e afetiva que ele sofria, desviando do ideal aristocrático e da masculinidade sensível e contida que era esperado da época.

No trecho a seguir, a linguagem de Heathcliff é marcada pela raiva explosiva e pela ameaça física, vejamos:

Acha que vou embora com esse soco me queimando a garganta? Trovejou ele. Com todos os diabos, não. Vou esmagar as costelas dele como uma noz podre antes de cruzar a soleira da porta. Se não fizer isso agora, hei de matá-lo noutra momento. Então, se tem a pressa a existência desse homem, deixe-me botar as mãos nele (Brontë, 2001, p. 168).

É possível de se analisar que o comportamento do personagem nessa passagem revela uma masculinidade baseada na força e na violência. Essa construção se encaixa no conceito de masculinidade hegemônica, proposto por Raewyn Connell (2020). De acordo com a autora, esse tipo de masculinidade é o modelo dominante em uma sociedade e se caracteriza por características como agressividade, dominação sobre outros homens e rejeição de traços femininos, como a sensibilidade (Connell, 2020).

O comportamento violento e destrutivo de Heathcliff pode ser compreendido à luz de sua trajetória desde a infância. Sua masculinidade é moldada por experiências de exclusão,

abandono e maus-tratos, que o impedem de desenvolver vínculos afetivos saudáveis. Crescendo em um ambiente hostil, onde era tratado como inferior tanto por sua origem incerta quanto por sua aparência, Heathcliff aprende a reprimir emoções e a reagir com agressividade.

A ausência de afeto e de pertencimento o transforma em um homem que vê na violência e no controle formas de recuperar a dignidade negada. Assim, sua masculinidade não se enquadra no modelo vitoriano do autocontrole e da racionalidade, mas emerge como resposta a traumas profundamente enraizados. Dessa forma, o personagem reafirma sua posição de “homem forte” ao se opor a Linton, que representa uma masculinidade frágil, por pertencer a outro contexto, completamente oposto ao contexto em que Heathcliff cresceu. Heathcliff reforça sua autoridade não só ao rival, mas também diante de Catherine, influenciando diretamente sua relação com os demais personagens.

Edgar Linton, então, representa o modelo masculino valorizado pela sociedade da época vitoriana. Ele encarna as virtudes da gentileza, do refinamento e da moderação, características esperadas de um homem pertencente à aristocracia rural inglesa. Edgar é o tipo de marido “ideal” aos olhos da convenção: calmo, educado, emocionalmente contido e socialmente respeitável. Sua postura está alinhada ao ideal burguês de masculinidade, que privilegia a civilidade e a contenção emocional como sinais de superioridade, como a seguir é ilustrado:

Gentil demais. Um menino bonito, de feições suaves e maneiras calmas, sempre limpo e bem vestido, parecendo mais com uma dama do que com um rapaz do campo. Tinha um tom de voz doce e suave e pronunciava as palavras como o senhor faz, ou seja, de modo menos áspero do que a gente daqui (Brontë, 2001, p.104).

Essa descrição de Edgar revela um ideal de masculinidade que se opõe diretamente ao de Heathcliff. As “feições suaves”, o cuidado com a aparência e o tom de voz delicado são atributos que, no contexto do romance, são quase feminilizados – “parecendo mais com uma dama do que com um rapaz do campo”. Essa feminilização, no entanto, não é apresentada de forma negativa, mas como uma marca de sua educação e posição social. Edgar não precisa afirmar sua masculinidade por meio da força física ou da agressividade, pois seu status já lhe garante autoridade e respeito.

Como analisa Armstrong (2000), os romances vitorianos frequentemente associam a masculinidade refinada à classe dominante, enquanto relegam traços mais passionais e violentos aos personagens marginalizados, como Heathcliff. Dessa forma, Edgar funciona como contraponto ao protagonista: ele é o “homem aceitável”, moldado para o convívio social

e familiar, mas incapaz de acessar a profundidade emocional e instintiva que Catherine busca. A construção da masculinidade de Edgar vai além da aparência refinada e dos modos delicados, manifestando-se também em sua postura moral e na tentativa de preservar a ordem diante da ameaça representada por Heathcliff. Em um momento posterior da narrativa, ele rompe com seu habitual silêncio para confrontar diretamente o intruso durante uma visita tensa à casa que divide com Catherine, reafirmando seu papel como guardião da estabilidade doméstica e dos valores sociais da época.

Com voz calma, mas firme, ele diz:

Tenho sido até aqui tolerante com o senhor- disse, em tom calmo. –Não que ignore o seu caráter miserável e degradado, mas sentia que o senhor era apenas parcialmente responsável por ele. Como Catherine queria manter a amizade que lhe tinha, aquiesci...e foi uma tolice. Sua presença é um veneno moral capaz de contaminar os mais virtuosos. Por esse motivo, e a fim de evitar piores consequências, vou lhe negar daqui por diante licença para entrar nesta casa, e comunico-lhe agora que exijo sua partida imediata. Uma demora de três minutos há de torná-la involuntária e ignominiosa (Brontë, 2001, p. 165).

Segundo Showalter (1997), personagens masculinos nas narrativas vitorianas frequentemente assumem o papel de “guardiões da estabilidade”, suprimindo os elementos instintivos, passionais ou descontrolados – geralmente representados por personagens marginalizados, como Heathcliff. Ao expulsá-lo, Edgar busca proteger sua casa não apenas fisicamente, mas moralmente, afastando tudo aquilo que ameaça os valores que ele encarna. Sua atitude reforça uma masculinidade contida, civilizada, mas também distante das camadas emocionais mais profundas que Catherine tanto valoriza em Heathcliff.

4.2 A influência dos modelos de masculinidade na relação com Catherine em *O Morro dos Ventos Uivantes*

A trajetória da personagem de Catherine Earnshaw é marcada por uma luta interna entre dois mundos e, principalmente, modelos de masculinidade que moldam sua personalidade e destino, como tem sido discutido até o momento. A convivência com os dois personagens: Edgar Linton e Heathcliff não só a divide afetivamente, mas também a transforma visivelmente. Um trecho que elucida isso no romance é narrado por Nelly, a cuidadora da casa, ao descrever o retorno de Catherine após passar um tempo com os Linton:

Então, em vez de vermos uma pequena selvagem descabelada entrar correndo em casa e nos abraçar com tanta força a ponto de nos tirar o fôlego, vimos saltar de um

belo pônei negro uma pessoa de aspecto digno, com cachinhos castanhos escapando de um chapéu com plumas e um longo traje de montaria que foi obrigada a segurar com as duas mãos para poder caminhar (Brontë, 2001, p. 79).

Essa descrição não é apenas sobre sua estética; acaba se tornando simbólica. Sugere uma transição de “pequena selvagem descabelada” – o que pode ser ligado a Heathcliff, à natureza, ao caos – para uma pessoa de aspecto digno, ligada à nobreza e aos Lintons. Essa sugestão é crucial, pois demarca o momento em que Catherine começa a performar uma feminilidade idealizada, influenciada pelos padrões sociais.

Ao tentar se encaixar nesse novo padrão, Catherine começa a se dividir: uma parte dela busca aceitação social ao lado de Edgar, enquanto a outra permanece ligada à liberdade afetiva que só Heathcliff representa. Essa divisão interna, marcada desde a juventude, trará consequências e instabilidade emocional ao longo da narrativa. Como afirma Armstrong (2000), o romance do século XIX frequentemente apresenta mulheres em conflito entre seus desejos individuais e os papéis sociais que lhes são impostos.

No caso de Catherine, essa tensão a conduz a uma profunda crise de identidade, pois, ao escolher Edgar, ela se aproxima do modelo de feminilidade idealizado pela sociedade, mas ao mesmo tempo renuncia à sua essência emocional e instintiva, ligada a Heathcliff. Essa renúncia compromete sua saúde emocional e física, mostrando que o conflito entre convenção e paixão é insustentável.

Todos os Linton do mundo podem desaparecer no nada antes que eu consista em esquecer Heathcliff. Não, não é isso que pretendo...não é o que eu quero dizer! Não me tornaria a Sra. Linton se o preço a pagar fosse tão alto! Ele vai ser para mim tudo o que sempre foi, a vida toda. Edgar vai ter de colocar de lado a antipatia que sente por ele, no mínimo, tolerá-lo. Quando perceber meus reais sentimentos por ele, vai fazer isso. Nelly, vejo que você me considera uma egoísta miserável, mas nunca lhe ocorreu que se Heathcliff e eu nos casássemos seríamos uns pobretões? Por outro lado, se eu me casar com Linton posso ajudar Heathcliff a melhorar de vida e tirá-lo do jugo do meu irmão (Brontë, 2001, p. 120).

Ao tentar se adequar ao modelo de feminilidade vitoriana, Catherine se vê diante de um conflito interno profundo. Por um lado, deseja a estabilidade, o status social e o ideal de mulher refinada oferecido por Edgar Linton; por outro, sente-se visceralmente conectada a Heathcliff, que representa a liberdade emocional, a paixão e a ligação com sua identidade mais primitiva e selvagem. Essa tensão reflete o embate entre dois modelos femininos possíveis na época: o da mulher domesticada, civilizada, inserida nos valores burgueses; e o da mulher indomável, que recusa os limites da convenção social.

Como aponta Gilbert e Gubar (1984), na obra *The Madwoman in the Attic*, personagens femininas em narrativas vitorianas muitas vezes vivenciam conflitos entre “o anjo do lar” e “a mulher louca”, símbolos da obediência *versus* rebelião. Catherine fica indecisa entre esses dois polos, o que explica sua instabilidade emocional crescente ao longo do romance. O trecho em que ela afirma: “se eu me casar com Linton, posso ajudar Heathcliff a melhorar de vida” (Brontë, 2001, p. 120) revela sua tentativa de racionalizar a escolha por Edgar como algo prático, ignorando a dimensão emocional que a prende a Heathcliff.

No entanto, tal decisão só aprofunda sua crise identitária, pois representa a renúncia a uma parte essencial de si mesma. Essa fala, repleta de contradições, ocorre em uma conversa com Nelly, que é cuidadora da casa, como mencionado, quando Catherine reflete sobre seu futuro. Ela já conhece bem tanto Heathcliff quanto Edgar e se encontra emocionalmente ligada a Heathcliff e socialmente interessada por Edgar. Nesse contexto, ela reconhece que a escolha pelo casamento com Edgar exige um preço e que, para ser a esposa ideal para Edgar, precisará negar seus sentimentos por Heathcliff.

No decorrer do romance, Edgar e Heathcliff têm uma discussão após Heathcliff reaparecer na casa de Catherine depois de anos. A maneira como esses dois modelos masculinos se expressam afeta diretamente a posição de Catherine no romance. Quando Heathcliff, em tom de deboche, comenta:

Desejo-lhe felicidade com esse covarde com sangue de barata, Cathy- disse seu amigo. Felicito-a pela escolha. E essa é a coisa trêmula e babosa que preferiu a mim! Jamais o acertaria com meu punho, mas poderia chutá-lo, com o que teria grande satisfação. Está chorando ou será que vai desmaiar de medo? (Brontë, 2001, p. 167).

A fala atinge dois alvos: Linton, com sua masculinidade desprezada, e Catherine, que é julgada por ter “escolhido errado”. Nesse contexto, a masculinidade de Heathcliff não serve apenas para competir com outro homem, mas também para controlar e culpar Catherine. Ele usa o insulto como forma de reafirmar seu domínio emocional sobre ela, como se sua virilidade o tornasse digno de amor.

Nesse sentido, essa dinâmica reflete o que Gilbert e Gubar (1979) apontam em seu estudo sobre personagens femininas na literatura: muitas vezes, os homens tentam regular o desejo das mulheres e mantê-las sob controle por meio da culpa e humilhação. Dessa forma, a relação entre masculinidade e poder se manifesta também no modo como o homem tenta impor poder sobre a mulher.

A passagem a seguir pode ser considerada uma das mais intensas e expressivas do romance, na medida em que posiciona a personagem Catherine acerca do que sente em seu íntimo diante das duas figuras masculinas que a rodeiam:

Meus maiores sofrimentos neste mundo foram os sofrimentos de Heathcliff, e observei e senti cada um deles desde o início: o maior pensamento que tenho na vida é ele. Se tudo mais percesse e ele permanecesse, eu continuaria a existir e se tudo mais permanecesse e ele fosse aniquilado, o universo passaria a ser estranho, eu não mais faria parte dele. Meu amor por Linton é como a folhagem do bosque, o tempo há de transformá-lo, não tenho dúvidas, como o inverno transforma as árvores. Meu amor por Heathcliff se assemelha as rochas eternas sob o bosque, uma fonte de alegria pouco visível, mas necessária. Nelly, eu *sou* Heathcliff! Ele está sempre, sempre em minha mente. Não como fonte de prazer, não mais do que sou uma fonte de prazer para mim mesma, mas como meu próprio ser. Então, não volte a falar da nossa separação (Brontë, 2001, p. 121).

A personagem não apenas afirma que ama Heathcliff, mas que se identifica com ele de forma total, quase existencial, especialmente quando ela diz: “Nelly, eu sou Heathcliff”. Esse trecho pontua o quão profundo seu sentimento é por Heathcliff, ao contrário do que sente por Edgar, que ela compara à “folhagem do bosque”, algo passageiro e superficial.

Como explicam Gilbert e Gubar (1979), personagens como Catherine vivem presas entre o que a sociedade espera delas e o que realmente sentem, ou seja, se Catherine escolhesse ficar com Heathcliff, estaria rejeitando o que o mundo espera dela como mulher. Passos e Azevedo (2015) também revelam que esse amor fora do padrão, que não segue as regras, acaba trazendo dor para Catherine, porque ela quer viver algo que o mundo ao redor não aceita.

Essa tensão entre desejo e norma também é observada por Simone de Beauvoir (1949), que analisa como a mulher, ao tentar se enquadrar nos papéis esperados — esposa, senhora do lar, figura dócil e submissa —, muitas vezes precisa negar a si mesma para ser aceita socialmente. Essa reflexão amplia a leitura da personagem Catherine Earnshaw, cuja angústia diante das escolhas impostas pela moral vitoriana revela justamente esse conflito entre o que se espera da mulher e aquilo que ela realmente deseja. Ao iluminar esse impasse, Beauvoir ajuda a compreender como a personagem encarna uma crítica precoce às limitações impostas ao feminino, tornando-se, assim, um ponto de resistência dentro da narrativa.

No caso de Catherine, isso se expressa de forma extrema: ao escolher Edgar, ela tenta atender às exigências sociais, mas acaba rejeitando a parte mais autêntica de sua identidade, aquela que está profundamente ligada a Heathcliff. Essa divisão acaba não apenas

fragmentando sua subjetividade, mas também conduzindo ao seu adoecimento, como se o próprio corpo se revoltasse contra a renúncia imposta.

O trecho a seguir apresenta uma fala de Catherine em um momento de grande vulnerabilidade: ela está doente fisicamente e emocionalmente abalada após presenciar um conflito entre Edgar, seu marido, e Heathcliff, seu antigo amor. Trata-se de uma passagem em que a personagem expressa um intenso conflito interno ao afirmar:

Queria estar lá fora! Queria ser outra vez uma menina, meio selvagem e destemida, e livre, rindo das injúrias que sofria, e não enlouquecendo ao peso delas! Por que foi que mudei tanto? Por que meu sangue ferve com umas poucas palavras? Tenho certeza de que voltaria a ser eu mesma se tivesse outra vez entre as urzes, naquelas colinas. Abra de novo a janela: deixe-a bem aberta! Depressa, por que é que não se mexe? (Brontë, 2001, p. 181).

Essa passagem revela o quanto Catherine sente que perdeu a própria identidade ao tentar se encaixar nos padrões sociais da mulher vitoriana. Ela reflete sobre sua infância como o tempo que era livre, antes de se dividir entre o que sente por Heathcliff e a necessidade de casar com Edgar.

Ela expressa saudade da “menina selvagem”, que corria pelos morros com Heathcliff, uma fase em que ainda não havia sido moldada pelas expectativas sociais. Diante desse contexto, é interessante pontuar o que destaca a autora Poove (1988) quando afirma que o casamento era o único destino legítimo para mulheres de classe média ou alta, não era uma escolha baseada em afeto, mas uma estratégia de sobrevivência social imposta como norma.

Diante disso, Catherine tenta corresponder a esse modelo, mas o preço é alto: perde a si mesma e, com base nisso, sua doença não é apenas física, mas um desgaste emocional causado pelo que ela sente e o que ela precisa ser.

5 CONCLUSÃO

A análise de *O Morro dos Ventos Uivantes* evidenciou como Emily Brontë representa diferentes modelos de masculinidade por meio de Heathcliff e Edgar Linton, confirmando nossa hipótese. Edgar encarna a masculinidade refinada, autocontrolada e socialmente aceita, ligada ao ideal burguês de civilização e contenção emocional. Já Heathcliff, marcado desde a infância pela exclusão e pela ausência de pertencimento, representa uma virilidade marginalizada, visceral e frequentemente violenta, forjada na dor e na resistência. Dessa forma, a obra expõe um modelo de masculinidade que desafia os padrões normativos da época

A figura de Catherine, por sua vez, aparece como elo entre esses dois polos masculinos, vivendo uma profunda divisão interna entre o que sente e o que lhe é imposto. Suas escolhas e angústias revelam o impacto direto dessas masculinidades conflitantes sobre o feminino, além de expor as consequências psíquicas e sociais de uma mulher que ousa desejar o que está fora das convenções. Ela não apenas se vê dividida entre dois homens, mas entre dois mundos – um de estabilidade e ordem, o outro de desejo e identidade. Sua trajetória é marcada pelo colapso emocional, evidenciando as pressões que as normas sociais impõem às mulheres, sobretudo no que diz respeito ao amor, ao casamento e ao controle dos próprios afetos.

A partir dos estudos de Judith Butler, Raewyn Connell, René Girard e Gilbert e Gubar, entre outros, conclui-se que Brontë constrói uma narrativa que ultrapassa os limites do romance gótico ou romântico, oferecendo uma crítica sutil, porém, poderosa, às normas de gênero e às estruturas de poder da sociedade vitoriana. O romance propõe uma reflexão profunda sobre o modo como os sujeitos são moldados – ou deformados – pelas expectativas de classe, gênero e comportamento. Ao apresentar personagens complexos, contraditórios e, por vezes, autodestrutivos, Emily Brontë antecipa discussões modernas sobre performatividade, desejo, exclusão e identidade.

Portanto, *O Morro dos Ventos Uivantes* permanece uma obra atual e relevante, cuja análise permite investigar as complexas dinâmicas afetivas e sociais que atravessam as relações humanas, especialmente no que se refere ao controle emocional, às relações de poder e à desigualdade de gênero. Este trabalho teve como objetivo compreender como os modelos de masculinidade, construídos socialmente e influenciados por fatores como classe e afeto, são representados na obra por meio dos personagens Heathcliff e Edgar Linton, partindo da hipótese de que essas identidades masculinas refletem e desafiam os padrões normativos do século XIX.

Ao retomar esse objetivo, a pesquisa contribui para os estudos literários ao ampliar a compreensão das tensões de gênero e classe em *O Morro dos Ventos Uivantes*, destacando como a obra dialoga com questões sociais ainda contemporâneas. Reconhece-se, contudo, que o estudo apresenta limitações, como o foco restrito em apenas dois personagens e o recorte temporal limitado ao contexto vitoriano. Futuras investigações poderiam aprofundar a análise incluindo outras personagens femininas e masculinas, explorar outras obras do período ou comparar com produções literárias de contextos diferentes, ampliando o debate sobre masculinidade e poder na literatura. Assim, a obra convida o leitor não apenas a compreender

o contexto do século XIX, mas também a refletir sobre como essas estruturas continuam a moldar as formas de amar, de existir e de resistir no mundo contemporâneo.

REFERÊNCIAS

ARMSTRONG, Nancy. Gender and the Victorian Novel. In: DAVID, Deirdre (ed.). **The Cambridge Companion to the Victorian Novel**. Cambridge: Cambridge University Press, 2000 (online 28 maio 2006). p. 97-124. DOI: [10.1017/CCOL0521641500.006](https://doi.org/10.1017/CCOL0521641500.006)

BEAUVOIR, Simone de. **O segundo sexo**. Tradução de Sérgio Milliet. São Paulo: Difusão Europeia do Livro, versão original (1949)

BRONTË, Emily. **O Morro dos Ventos Uivantes**. Tradução de Ataíde Lemos, 2ª edição. São Paulo: Editora Martin Claret, 2001.

BUTLER, Judith. **Gender trouble: feminism and the subversion of identity**. New York: Routledge, 1990.

CANDIDO, Antonio. A literatura e a formação do homem. In: CANDIDO, Antonio. **Vários escritos**. 9. ed. São Paulo: Ouro sobre Azul, 2006. p. 251–262.

CONNELL, Robert W; MESSERSCHMIDT, James W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas**, v. 21, n. 1, p. 241-282, 2013.

CHEN, Xinle. Analysis of Female Marriage in Jane Eyre from the Perspective of Existential Feminism. **Communications in Humanities Research**, v. 51, n. 1, p. 81–86, 2024.

DIAS, Daise Lilian Fonseca. **Gerações em conflito: relações de gênero e de raça em O Morro dos Ventos Uivantes**. Gênerona Amazônia, Belém, n. 1, p. 112-130, jan./jun. 2012.

DOLLIMORE, Jonathan. **Sexual dissidence: Augustine to Wilde, Freud to Foucault**. Oxford: Oxford University Press, 1991.

EAGLETON, Terry. **The English Novel: An Introduction**. Oxford: Blackwell Publishers, 2005.

GILBERT, Sandra M.; GUBAR, Susan. **The Madwoman in the Attic: The Woman Writer and the Nineteenth-Century Literary Imagination**. New Haven: Yale University Press, 1979.

HARKOT-DE-LA-TAILLE, Elizabeth; OLIVEIRA, Taís de. Sobre as paixões em Wuthering Heights: uma análise semiótica. **Revista Lumen et Virtus**, v. VI, n. 13, p. 134-148, setembro de 2015.

FITZPATRICK, Sarah. **Separate Spheres: A Closer Look at Ideological Gender Roles in Victorian England through the Sensation Novel**. Journal of the University of New Hampshire, v. 3, n. 2, maio 2015.

PASSOS, Ângela Tales da Silva; AZEVEDO, Mariana Rissi. **A excepcionalidade do comportamento feminino de Catherine Earnshaw durante a Era Vitoriana representada na obra *O Morro dos Ventos Uivantes* de Emily Brontë**. 2015. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras).

POOVEY, Mary. **Uneven Developments: The Ideological Work of Gender in Mid-Victorian England**. Chicago: University of Chicago Press, 1988.

SHOWALTER, Elaine. **A literature of their own: British women novelists from Brontë to Lessing**. Princeton: Princeton University Press, 1977.